



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO PLENA EM LÍNGUA  
INGLESA**

**KÉCIADILICHENE JACINTO DE PAULA**

**ASPECTOS INTERSECCIONAIS EM *FOR MY PEOPLE* E *WE HAVE BEEN BELIEVERS* DE MARGARET WALKER.**

**GUARABIRA, PB  
2022**

**KÉCIADILICHENE JACINTO DE PAULA**

**ASPECTOS INTERSECCIONAIS EM *FOR MY PEOPLE* E *WE HAVE BEEN BELIEVERS* DE MARGARET WALKER.**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Departamento do curso de Licenciatura Plena em Língua Inglesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Letras – Habilitação em Língua Inglesa.

**Área de concentração:** Literatura.

**Orientadora:** Profa. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos

**GUARABIRA  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P324a Paula, Kécíadilichene Jacinto de.  
Aspectos interseccionais em for my people e we have been believers de Margaret Walker [manuscrito] / Kécíadilichene Jacinto de Paula. - 2022.

42 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Margaret Walker. 2. Feminismo negro. 3. Poemas. 4. Raça. 5. Gênero. I. Título

21. ed. CDD 425

KÉCIADILICHENE JACINTO DE PAULA

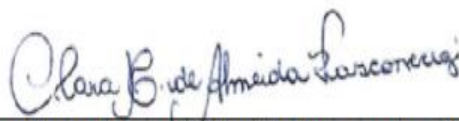
ASPECTOS INTERSECCIONAIS EM *FOR MY PEOPLE* E *WE HAVE BEEN BELIEVERS* DE MARGARET WALKER.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento do curso de Licenciatura Plena em Língua Inglesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Letras – Habilitação em Língua Inglesa.

**Área de concentração:** Literatura.

Aprovada em: 26/07/2022.

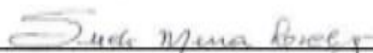
**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Sueli Meira Liebig  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Dedico a realização e conclusão deste trabalho ao maior de todos os Mestres, **Jesus Cristo**, aos meus familiares e meus filhos que são a razão do meu viver, ao meu noivo **Elder Elias de Oliveira**, dedico pela paciência e contribuições ao longo de mais uma jornada em minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

Parafraseando **Yoko Ono**, um sonho sonhado sozinho é apenas um sonho mas quando sonhado compartilhado se torna realidade, sendo por esse motivo que sou imensamente agradecida primeiramente a Deus que sem o qual nada existiria, me concedendo forças, saúde e disposição, a minha irmã **Kássia Kiss** que em meio aos contratempos esteve ao meu lado com seu apoio me fez acreditar ser mais que capaz em cursar uma graduação, agradeço ao meu noivo **Elder Elias** por seus incentivos e eternamente grata a minha amada vizinha **Josefa Freire (in memorian)** por seus incentivos para que eu pudesse estudar, a minha genitora **Maria do Livramento** por seu suporte no dia a dia, a minha filha maravilhosa **Hellen Hanna** por seu apoio e suas sábias palavras que na ausência de sacrifícios nossa missão não se completa, filha tu és um exemplo para mim. Grata sou a cada profissional que compõe o corpo docente da UEPB e seus assistentes; a minha amiga **Valquécia Brito** que mesmo de longe com seus maravilhosos conselhos e apoio em dados momentos difíceis em minha vida foram cruciais para eu continuar e jamais desistir!

Aos colegas de classe que desde o primeiro dia trilhamos juntos até o final e seguimos uma amizade para toda vida em especial o **Evandro Silva, Izilvânia Barbosa, Camilla Thais, Darthanham Celestino, Antônio Neto e Maísa Santos**. Agradeço em especial aos meus amados professores **Auricélio Fernandes, João Paulo, Jenison A. Dos Santos, Villian Mangueira e William Sampaio** que me inspiram e a minha orientadora **Clara M. Vasconcelos** por toda paciência e suporte ao longo desta jornada!

As amigas **Daniela Maciel, Sângela Lígia, Jaqueline Fonseca** por me motivarem com seus exemplos e sempre estarem ao meu lado em momentos bons e difíceis. Meu muito obrigada a cada um dos mencionados, todos foram importantes na conclusão desta missão!

*“Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura”.*  
*(bell hooks)*

## RESUMO

O lugar relegado às mulheres negras pode ser compreendido histórica, social e economicamente por sua dupla colonização, haja vista que elas sofrem violências e marginalizações tanto por parte da sociedade branca, quanto por parte dos homens de seu próprio povo. A partir dessa constatação, objetivou-se neste artigo apresentar as reflexões e análises acerca dos aspectos interseccionais partindo do conceito da interseccionalidade, termo formulado e conceituado por Kimberlé Crenshaw, presentes nos poemas *For my People* e *We Have Been Believers* da escritora afroamericana Margaret Walker. Assim, buscamos promover contribuições acerca do feminismo negro, nas lutas pela igualdade de raça, gênero e classe. Em conformidade com as contribuições de Akotirene (2018), Brah (2007), Collins (2019), Crenshaw (1991) e Leenhardt (1990) entre outros, promovemos uma pesquisa de caráter bibliográfico e documental, numa abordagem qualitativa e exploratória. Como resultados obtidos mediante as pesquisas, verificamos que foi promovida uma leitura reflexiva sobre os estereótipos e preconceitos que envolvem as minorias por raça, gênero e classe.

**Palavras chaves:** Margaret Walker, Feminismo Negro, Poemas, Raça, Gênero.



## ABSTRACT

The place relegated to black women can be understood historically, socially and economically by their double colonization, therefore, they suffer violence and marginalization by both white society and men of their own people. From that, the objective of this article is to present reflections and analyzes about intersectional aspects based on the concept of intersectionality, a term formulated and conceptualized by Kimberlé Crenshaw, present in the poems *For my People* and *We Have Been Believers* by the African-American writer Margaret Walker. Thus, we seek to promote contributions about black feminism, in the struggles for equality of race, gender and class. In accordance with the contributions of Akotirene (2018), Brah (2007), Collins (2019), Crenshaw (1991) and Leenhardt (1990) among others, we promote a bibliographic and documentary research, in a qualitative and exploratory approach. As results obtained through the research, we found that a reflective reading was promoted on the stereotypes and prejudices that involve minorities by race, gender and class.

**Keywords:** Margaret Walker. Black Feminism. Poetry. Race. Gender.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	MARGARETH WALKER: UMA BREVE BIOGRAFIA.....	13
3	CONCEITO DE INTERSECCIONALIDADE.....	16
4	<i>FOR MY PEOPLE E WE HAVE BEEN BELIEVERS</i> : as mulheres e a busca por direitos.....	21
4.1	<i>For My People e We Have Been Believers</i> : uma análise a partir dos aspectos interseccionais.....	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
6	REFERÊNCIAS.....	36
7	ANEXOS.....	40

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como propósito analisar os poemas da autora Margaret Walker *For my People (Para o meu Povo)* e *We Have Been Believers* (Nós fomos crentes), que foram publicados em 1942 pela editora *Yale University Press*, de acordo com os poemas mencionados a autora reconta e celebra a cultura negra americana durante o período da Crise de 1929 conhecido como a Grande Depressão. O poema apresenta técnicas narrativas como metáforas, aliteração, anáfora, assíndeto e alusão ao período da escravização e de seus descendentes. Objetiva-se a partir das análises dos referenciais teóricos relacionar os poemas sob a perspectiva dos aspectos interseccionais partindo do conceito da interseccionalidade, termo cunhado em 1989, por Kimberlé Crenshaw, e de acordo com a autora:

[...] o termo demarca o paradigma teórico metodológico de tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais e racismo, o sexismo e violências correlatas se sobrepõe, discriminam e criam encargo singulares as mulheres negras. (CRENSHAW, 1991, p. 54).

Kimberlé Crenshaw, sistematizou e cunhou a interseccionalidade em 1998, termo que primeiramente foi publicado no artigo “Desmarginalizando a Intersecção de Raça e Sexo: Uma Crítica Feminista Negra da Doutrina Antidiscriminação, Teoria Feminista e Políticas Antirracistas”, e em 1991 reaplica o conceito no texto “Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres de cor”, de maneira a propor o uso da interseccionalidade como metodologia a ser aplicada para lidar com os porquês e consequências das discriminações e violências contra as mulheres negras em suas comunidades.

Os estudos do teórico Achille Mbembe corroboram com o tema do presente artigo no tocante ao sistema político que não somente oprime e segrega mas abarca a Necropolítica, influenciado pelo filósofo francês Michael Foucault que teorizou sobre a biopolítica e o biopoder inspirou o intelectual, filósofo, historiador camaronês Achille Mbembe na conceituação do termo Necropolítica (políticas de morte) em 2003, onde Foucault em 1976, introduziu a noção de como o racismo seria usado como tática do Estado em favor do biopoder e a biopolítica, sendo que através deste o Estado determinaria pressupostos entre o poder de fazer viver ou deixar morrer.

Sob esta perspectiva, a política reconfigura-se ao longo dos tempos nas sociedades contemporâneas como forma de controle populacional, em suma

delegando quais corpos estarão expostos a morte ou quais serão protegidos. É deveras explícito que a política de um modo geral segrega e discrimina de acordo com seus ideais as pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade, relegando tais corpos à marginalidade em especial a mulher, não branca, periférica entre outros marcadores identitários que a mesma possua.

A metodologia aplicada neste trabalho consiste em pesquisa bibliográfica e documental, de natureza básica, em materiais examinados provenientes de documentação impressa, eletrônica e audiovisual, e em relação ao tema numa abordagem qualitativa e com relação aos objetivos é de caráter exploratória. O aporte teórico utilizado foi com base nas contribuições de Akotirene (2018), Brah (2007), Collins (2019), Crenshaw (1991), Leenhardt (1990).

Este trabalho encontra-se dividido em 04 (quatro) seções: na primeira apresentamos a introdução; na segunda seção uma breve bibliografia da autora Margareth Walker; na terceira seção conceituando a interseccionalidade e a quarta seção apresenta os poemas *For my People* e *We Have Been Believers*: as mulheres e a busca por direitos, sendo (1) um sub tópico expondo as análises dos poemas sob as perspectivas dos aspectos interseccionais de acordo com a interseccionalidade.

## 2 MARGARET WALKER: UMA BREVE BIOGRAFIA

Margaret Abigail Walker, nascida no estado de Alabama (região sul) nos Estados Unidos, em 07 de julho de 1915. Ainda em tenra idade, seu pai, um ministro metodista, o Reverendo Sigismund C. Walker iniciou a pequena Margaret no estudo da filosofia e poesia. Sua mãe, Marion Dozien, lecionou música em universidades metodistas de Nova Orleans como também em universidades de estados circunvizinhos.

Walker em 1935 graduou-se bacharel em artes pela *Northwestern University* em Chicago, novelista, poetisa e uma das principais escritoras afroamericana de meados do século XX, em 1936 durante a Grande Depressão no governo do Presidente Franklin D. Roosevelt iniciou seu trabalho com o *Federal Writers Project* (Projeto Escritores Federais) sob a orientação da agência *Work Progress Administration* renomeada em 1939 por *Work Project Administration (WPA)*, cujo projeto visava beneficiar escritores bibliotecários, editores, escriturários dentre outros, foi membro do *South Side Writers Group* (Grupo de escritores da Zona Sul) que incluiu autores como Richard Wright, Arna Bontemps, Fenton Johnson entre outros, bem como integrou o movimento afro americano literário em Chicago, o movimento que ficou conhecido como o *Chicago Black Renaissance Movement* (Movimento do Renascimento Negro de Chicago).

O *Federal Writers Project* ao qual Margaret Walker fez parte, foi um projeto a partir do programa *New Deal* (Novo Acordo ou Novo Pacto) iniciado em 1933, com o presidente Roosevelt cujo programa teria o objetivo de recuperar a economia pós crise de 1929. Na década de 40, inicia-se sua carreira de docente em literatura; lecionou no Livingstone College em Carolina do Norte (1941-1942) e no *West Virginia State College* (1944-1945), *Jackson State University, Jackson, Mississippi* (1949-1979). Em 1943, uniu-se em matrimônio com Finista James Alexander.

Após ler publicamente seus poemas, Walker foi convidada por Arthur P. Davis para recitar *For my People* (1942) na Universidade de Virginia. O livro *For My People*, cujo título do poema lhe é homônimo, versa sobre o orgulho e origens americanas e convoca a todos a um despertar racial, no mesmo ano de lançamento o seu livro de poemas vence o concurso *Yale Series of Young Poets*, *For My People* foi “rejeitado três vezes antes de vencer a competição” (tradução minha) (GRAHAM, 1999, p. 37). Nesse momento, lhe foi conferido o prêmio nacional de jovens poetas da Yale, tornando se

a primeira mulher afroamericana a receber o mencionado prêmio, em um outro momento será abordado em análise dois poemas, *For My People* (Para o meu povo, tradução minha) e *We Have Been Believers* (Nós Fomos Crentes, tradução minha), ambos poemas estão presentes no livro *For My People*.

Walker cumpriu majestosamente sua carreira como professora universitária por 30 anos, escreveu onze livros sendo um único romance *Jubilee*. Iniciando sua escrita aos 19 anos (1934) e concluído em 1966, o romance foi ambientado durante a guerra civil representando eventos da escravização americana, sendo traduzido em cinco idiomas, ademais a autora escreveu vários artigos sobre a literatura e cultura afroamericana.

Em 1970 foi publicado *Prophets for a New Day* (Profetas para um novo dia) pela editora *Broadside Press*, em 1972 pela editora *Third World Press* *How I Wrote Jubilee* (Como escrevi Jubileu), em 1973 pela *Broadside Press* *October Journey* (Viagem de Outubro), em 1974 publicado pela *Howard University Press* *A Poetic Equation: Conversations Between Nikki Giovanni and Margaret Walker* (Uma Equação Poética: Conversas entre Nikki Giovanni e Margaret Walker), em 1975 pela *Folkways Records* deu voz aos seus poemas entre outros autores como Paul Laurence Dunbar, James Weldon Johnson e Langston Hughes em três álbuns de poesias, que encontram se hospedados em plataformas digitais como *You Tube*, *Deezer* e *Spotify*, às quais podemos encontrar a própria autora recitando os em áudio. Em 1986 publicou *For Farish Street* (Para a Rua Farish), em 1988 Richard Wright, *Daemonic Genius: A Portrait of the Man, a Critical Look at His Work* (*Gênio Demoníaco: Um Retrato de um Homem, um Olhar Crítico sobre sua obra*).

Walker foi uma exímia ativista que utilizou de sua escrita como forma de retratar a vida, anseios e lutas de seu povo, além do mais suas obras proporcionou-lhe honrarias e reconhecimentos ao redor do mundo, inclusive no cânone literário afroamericano por suas duas obras mais aclamadas o livro de poemas *For my People* e o Livro de romance *Jubilee*.

Logo após sua aposentadoria da docência em *Jackson State University*, no início da década de 80, Walker pôde dedicar-se integralmente a seus escritos, entre manuscritos, livro de poesia e uma autobiografia, a autora ministrava palestras sobre literatura afroamericana. Manteve residência em *Jackson*, Mississippi pois era de sua vontade permanecer nesta cidade em sua velhice, um ano antes de seu falecimento em 1997 publicou um livro de ensaios, *On Being Female, Black and Free: Essays*

(*Ensaaios: Sobre ser Mulher Negra e Livre*), um ano após seu falecimento em 1998 foi publicado o livro de poesias *This is my Century: New and Collected Poems* (Este é o meu Século: Poemas Novos e Colecionados), que reúne as poesias selecionados pela autora, dos cem poemas trinta e sete inéditos juntamente com o conteúdo de três volumes: o premiado *For My People* (1942), *Prophets for a New Day* (1970) e *October Journey* (1976). Em outubro de 1998, um mês antes de seu falecimento, Walker tornou-se membro do Hall da Fama Literário Afroamericano.

### 3 CONCEITO DE INTERSECCIONALIDADE

O Movimento Feminista Negro Americano desde os primórdios vem sendo símbolo de luta e vem inspirado muitas mulheres em todo mundo, e antes que o termo interseccionalidade houvesse sido cunhado, o movimento feminista negro abolicionista desde meados do Séc. XIX nos Estados Unidos já enfrentavam várias questões e lutas sociais. De acordo com Avtar Brah:

Nos EUA as tensões políticas no feminismo envolvendo as inter-relações entre 'raça' e outros fatores como classe e gênero datam das campanhas anti-escravidão. Durante a década de 1830, por exemplo, as mulheres estadunidenses se tornaram cada vez mais ativas no movimento abolicionista, contexto no qual aprenderam a defender seus próprios direitos de se envolver no trabalho político e onde suas experiências de relativa marginalização as compeliram a formar sociedades de mulheres anti-escravagistas separadas [das sociedades anti-escravagistas de homens]. A primeira sociedade feminina anti-escravagistas foi formada em 1832 por mulheres negras de Salem, Massachusetts, seguidas por sociedades similares estabelecidas por mulheres brancas de outros locais (BRAH, 2007, p. 249)

Para contextualizar esse momento, as autoras Brah e Phoenix (2204, p. 76-77) nos apresenta um dos maiores símbolos de luta de classe e personagem histórica, mulher afroamericana e escravizada, Sojourner Truth, em seu discurso proferido em uma convenção dos direitos das mulheres em *Akron, Ohio*, Estados Unidos em 1851, onde os clérigos discutiam acerca dos direitos das mulheres, ao atentar-se pela fala proferida de pastores que as mulheres não devem ter os mesmos direitos dos homens por serem de natureza frágil, dentre outras palavras, que menosprezavam a capacidade das mulheres. Truth em suas reflexões sobre as desigualdades que afetam não só a si como as mulheres negras, onde a mesma se questiona:

Aquele homem lá diz que uma mulher precisa ser ajudada ao entrar em carruagens, e levantada sobre as valas, e ficar nos melhores lugares onde quer que vá. Ninguém me ajuda em lugar nenhum! E eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço. Eu arei, eu plantei e eu recolhi tudo para os celeiros. E nenhum homem pode me auxiliar. E eu não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem (...) e suportar o chicote tão bem quanto! E eu não sou uma mulher? Eu dei à luz a crianças e vi a maior parte delas ser vendida como escravas. E quando eu chorei com o sofrimento de uma mãe, ninguém além de Jesus me ouviu. E eu não sou uma mulher? (BRAH & PHOENIX, 2004, p. 77).

As questões abordadas por Truth em seu discurso foi e ainda é de suma importância, pois sua voz ecoa representatividade ao longo dos séculos, destacando que nessa convenção, as mulheres brancas tentaram impedir seu discurso, mas sem



êxito. Truth transmitiu em sua fala que as mulheres negras que estão envoltas pelo racismo já vivenciavam e experienciavam demandas dispareas das mulheres brancas, seu discurso refletiria complexidade pois estava em meio as lutas anti-escravidão dos negros do Sul dos Estados Unidos e das reivindicações das mulheres (brancas) do Norte. Em conformidade com a teórica e ativista Angela Davis:

Sozinha, Sojourner Truth salvou o encontro de mulheres de Akron das zombarias disruptivas promovidas por homens hostis ao evento. De todas as mulheres que compareceram à reunião, ela foi a única capaz de responder com agressividade aos argumentos, baseados na supremacia masculina, dos ruidosos agitadores. Com seu inegável carisma e suas poderosas habilidades como oradora, Sojourner Truth derrubou as alegações de que a fraqueza feminina era incompatível com o sufrágio (DAVIS, 2016, p. 70).

A princípio, o termo interseccionalidade é um conceito estruturado e sistematizado pela professora, feminista afro-estadunidense e ativista nas áreas do direito civil Kimberlé Crenshaw, termo apresentado em um artigo no ano de 1989, *“Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics”* (“Desmarginalizando a Intersecção de Raça e Sexo: Uma Crítica Feminista Negra da Doutrina Antidiscriminação, Teoria Feminista e Políticas Antirracistas”, tradução minha).

Conquistando popularidade acadêmica apenas em 2001, após a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, na África do Sul. É preponderante evidenciar que a interseccionalidade é uma teoria que busca expressar as diferenças entre as discriminações e como as mesmas dialogam entre si, visando perscrutar as estruturas de poder e subordinação e como essas interações se manifestam nas vidas das mulheres negras e analisando estratégias com a finalidade de fomentar vias que resulte em superações. De acordo com *Crenshaw* (2002):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca a capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da mesma forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdade básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, P. 177).

A priori, a interseccionalidade nasce de uma perspectiva teórica e metodológica pensada com a intenção de refletir sobre os múltiplos marcadores sociais, assim como suas diferenças concernentes às vivências das mulheres negras, ou seja, pensar a realidade do gênero feminino de raça negra e suas experiências com o racismo, machismo e sistema patriarcal; sendo que essa mulher é a mesma que sofre preconceito por ser negra, por sua sexualidade seja ela lésbica, transexual etc., sendo uma expressiva maioria de origem humilde, oriundas da periferia e estão inseridas em um contexto da sociedade na qual enfrentam dificuldades para ter acesso aos seus direitos, mesmo que sejam os mais básicos.

Ao cunhar o termo interseccionalidade a autora centralizou a mulher negra como foco de suas análises, resultando em grandes contribuições ao feminismo negro que vem de uma trajetória de décadas de lutas pelo direito de existir e usufruir de sua cidadania e direitos. *Crenshaw* afirma que em dadas situações existe uma intersecção que permeia as identidades sociais gerando sistemas de opressão, dominação/discriminação, fazendo com que a discriminação adquira características inerentes. Podemos pensar a interseccionalidade como: “aporte teórico metodológico para se pensar múltiplas exclusões e como de fato construir estratégias para o enfrentamento desse paradigma” (CRENSHAW, 2002).

Um exemplo da importância das discussões promovidas a partir da interseccionalidade, com vistas a promover a equidade de direitos entre todos os sujeitos sociais, é a história de cinco mulheres negras que processaram a empresa *General Motors* em 1976, argumentaram que a (GM) contratava mulheres brancas e homens brancos e negros, porém as mulheres negras não eram contempladas, mediante o exposto ocorreu que para a justiça não transcorria nenhuma tipificação de discriminação de gênero sob alegação que há mulheres (brancas) contratadas e tampouco de raça pois da mesma forma contratavam negros (homens). O tribunal pronunciou-se da seguinte maneira:

As reclamantes não citaram qualquer decisão legal onde se determine que as mulheres Negras pertencem a uma classe especial a ser protegida da discriminação. Uma investigação do próprio Tribunal, também não encontrou tal decisão. As autoras têm claramente direito a uma reparação, se tiverem sido discriminadas. No entanto, não se pode permitir que sejam combinadas reparações estatutárias para criar uma nova ‘super-reparação’ que as beneficiará para além do que os redatores dos estatutos pretendiam. Assim, este processo deve ser examinado para que se determine se ele pode ser a causa de uma ação contra a discriminação racial ou contra a discriminação sexual, alternativamente, mas não uma combinação de ambas. (CRENSHAW, 2019, p. 56-57)

É nesta possível falha da justiça que a interseccionalidade foi tecida como forma de corrigir esta dentre outras lacunas. Entretanto não obtiveram êxito ao processarem a empresa por duas características ou dois tipos de discriminação, ser mulher (gênero) e por ter a cor da pele negra (raça). *Crenshaw*, a partir da intercorrência ocorrida com as mulheres negras, inicia uma investigação do caso e pode inferir que em determinadas classes de indivíduos que sofriam discriminação distintas e que não usufruíam de retratação por parte de esferas públicas ou seja encontravam-se desamparadas judicialmente. *Crenshaw* explica como as opressões de raça e gênero interagem na vida das mulheres negras.

Considere a analogia ao tráfego num cruzamento [intersection], indo e vindo nas quatro direções. A discriminação, como o tráfego no cruzamento, pode fluir numa ou noutra direção. Se um acidente acontece no cruzamento, sua causa pode ser os carros viajando de quaisquer direções e, às vezes, de todas elas. De modo similar, se uma mulher negra sofre injúrias por estar numa intersecção, elas podem resultar da discriminação sexual ou racial [...] mas nem sempre é fácil reconstruir um acidente: às vezes as marcas de derrapagem e as lesões indicam simplesmente que elas ocorreram simultaneamente, frustrando os esforços em determinar qual o motorista responsável (CRENSHAW, 1989, p. 149).

*Crenshaw*, utiliza da analogia ao tráfego das ruas como uma forma de ilustrar as análises das intersecções, a rua explicaria o conceito, consideremos as ruas em sentido norte, sul, leste e oeste, onde esses eixos se cruzam, tais eixos seriam a discriminação, podemos pensar a discriminação racial como uma rua seguindo para sul e norte entrando em cruzamento com a discriminação de gênero entre outros eixos de discriminação estrutural como o patriarcado, pós colonialismo e racismo, onde o trânsito e os automóveis que transitam na intersecção retratam “a discriminação ativa, as políticas contemporâneas que excluem indivíduos em função da sua raça e de seu gênero” (CRENSHAW, 2012, p.11).

E ainda de acordo com a autora “[...] as questões de algumas mulheres não são vistas como problemas de gênero por não serem problemáticas relativas as mulheres do grupo hegemônico” (CRENSHAW, 2002), de maneira que o feminismo branco não contemplava as questões das mulheres negras por entenderem que suas pautas diferiam uma da outra.

Destarte em conformidade com as contribuições de Carla Akotirene, o termo é considerado como uma ferramenta analítica para refletirmos as relações sociais de

raça, sexo e classe, que “permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo”. (AKOTIRENE, 2018), como um “sistema de opressão interligado” (AKOTIRENE, 2018,) ou seja, a mulher é oprimida por seu gênero, de acordo com sua raça (negra) e por sua classe social, triplamente oprimida e não somente por um dos marcadores de identidade. Influenciada diretamente pela autora do termo em questão, reitera no tocante a interposição entre raças e gênero e a carência de teorias feministas e antirracistas a respeito das questões e vivências das mulheres negras, “É da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade” (AKOTIRENE, 2018, p. 19).

De acordo com Akotirene a noção de interseccionalidade é intrínseca ao seu caráter metodológico: “A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2018, p. 14). Entender a interseccionalidade é importante para compreender, em especial, os motivos que levam as mulheres negras a serem um dos grupos mais marginalizados pelo Estado e pela sociedade, sendo que entender o núcleo do problema é o primeiro passo para buscar as soluções viáveis.

#### **4 FOR MY PEOPLE E WE HAVE BEEN BELIEVERS: as mulheres e a busca por direitos.**

Partindo do pressuposto que os estereótipos em especial os de gênero e de raça impactam as vidas das pessoas de forma negativa e ainda mais os indivíduos afrodescendentes, assim sendo os estereótipos reforçam o racismo e as discriminações em âmbitos distintos. De origem grega a palavra estereótipo é formada pela partícula *stereos* que sua tradução é “sólido”, mais a partícula *typos* que significa “molde”, pode ser compreendido como molde ou perfil sólido, algo que seria imutável. Diz-se, assim, de estereótipos como uma ideia preconcebida de algo ou de alguém, tal qual seja a ideia ela não seria passível de mudança, tal ideia preconcebida ou o preconceito se origina de um juízo de valor e que podemos relacionar a outrem sem o devido conhecimento do objeto de juízo.

Resultado da ignorância e intolerância contra pessoas ou grupos sociais, o preconceito gera discriminação que, por consequência, ocasiona e motiva a violência sendo que as mulheres aparecem como a maioria das vítimas, e os reflexos de violência tais como a física, sexual dentre outras encontram-se não somente em nosso país como em todo o mundo. Machado (1988, p. 104) afirma que “nos anos 70, no Brasil, a violência contra as mulheres não tinha visibilidade. Aliás, não existia essa expressão. Ela teve que ser nomeada, para que pudesse ser vista, falada e pensada”.

De acordo com Machado, a violência contra as mulheres era invisibilizadas pois a sociedade vem de uma cultura que naturaliza as violências desde os primórdios da humanidade até os dias atuais. A violência sempre existiu, mas ocorria o ocultamento dos fatos e ao mesmo tempo em que a escrita literária registrasse barbaridades contra a mulher, os movimentos feministas se articulavam como forma de combater vários fatores que viessem a causar diversos tipos de violências como as físicas, psicológicas, moral, sexual dentre outras, ao serem nomeadas as violências passaram a ser mapeadas, localizadas e combatidas.

A escrita literária feminina e afroamericana se destaca e ocupa espaço nas academias há várias décadas, uma conquista árdua pontuando as questões em que os estudos literários e os cânones suprimiram por meio da influência do patriarcado. Deste modo, as produções literárias de mulheres negras trazem visibilidade além de expor e denunciar o racismo, discriminação e opressões sofridas pelas mesmas em seu contexto social, tornando se assim agentes transformadores de suas realidades

e vivências. De acordo com o filósofo francês *Jacques Leenhardt* (1990), o qual enfatiza a relevância da literatura e sua representatividade no tocante às violências vivenciadas com o propósito de que haja uma transformação, além de consciências e tomada de posição a fim de romper ciclos recidivos. Leenhardt aponta que:

Aos discursos ficcionais, cabe finalmente a amarga tarefa de situar a violência, de colocá-la no interior de um quadro vivo, de conferir-lhe o peso da experiência através da sua representação. Somente ali ela pode produzir seus efeitos necessários: os efeitos da tomada de posição (LEENHARDT, 1990, p. 15).

De acordo com o autor, é objetivo da literatura representar múltiplos contextos da sociedade, de modo a descrever, criticar e influenciar gerações; instrumento de humanização do homem, seja de caráter ficcional ou real, mas contribuindo para a melhoria de um indivíduo como também uma sociedade. O escritor Antônio Candido defende uma literatura como um bem humanizador, ou seja, que não pode ser negado a qualquer indivíduo, como uma necessidade universal e tão essencial quanto saúde, moradia e alimentação. Ainda de acordo com o escritor:

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1995, p. 113).

Partindo do pressuposto de que a literatura é deveras um bem indispensável na vida de um ser humano, informando, instruindo, configurando-se como crucial para que o indivíduo molde seu senso reflexivo e crítico, fomentando uma sociedade para que a mesma não seja manipulável. A arte literária vai além de ser um instrumento educativo, e é de responsabilidade do Estado fornecer direitos incompressíveis, como a educação viabilizando estruturas adequadas e projetos políticos a favor de estímulos a leitura como um todo.

Adentrando no mundo literário das mulheres negras, é notória a riqueza de obras de inúmeras escritoras que narram suas histórias, vivências, experiências, resistências e escrevivências que, de acordo com a escritora Conceição Evaristo brasileira e negra, refere à “escrita de suas vivências como mulher e negra”, segundo a autora: “A escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a

sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por uma coletividade<sup>1</sup>, (EVARISTO, 1996).

Manifestos e escritos oriundos de mulheres negras sucederam pela necessidade de expor as opressões e visibilizar suas lutas, como forma de combater discriminações sofridas decorrentes de uma sociedade patriarcal eurocentrada, machista, sexista e simplesmente pelo direito de existir; a mulher negra percorreu um caminho doloroso desde a época da escravização que reverbera nos dias atuais. Em mais de um século de abolição da escravidão, em especial as mulheres são as que mais sofrem com a desigualdade não somente no vertente gênero como também raça, classe social, religião dentre outras intersecções; de modo que houve o surgimento de movimentos em prol das causas das mulheres negras, pois o feminismo hegemônico/branco era excludente em relação as mulheres não brancas.

Maria W. Stewart, escritora e mulher negra nos Estados Unidos, discursou sobre questões políticas lançando bases as gerações feministas seguintes em um discurso proferido em 1831 por meio do qual indagou: “Até quando as nobres filhas da África serão forçadas a deixar que seu talento e seu pensamento sejam soterrados por montanhas de panelas e chaleiras de ferro”? (COLLINS, 2019, p. 3). Maria incentivou as mulheres de seu tempo que as mesmas rejeitassem as condições que vivenciavam como as opressões de raça, gênero e classe, incentivos que as mulheres criassem medidas que as tornassem independentes e autoconfiantes, “É inútil continuarmos sentadas, de braços cruzados, repreendendo os brancos. Isso não vai contribuir para melhorar nossa condição”, Maria continuou a exortação “Lutem pela defesa de seus direitos e privilégios” (COLLINS, 2019, p. 3).

Precursora em ativismos por direitos civis dos afroamericanos e contra opressões das mulheres negras, Maria W. Stewart espalhou a semente e vários ícones surgem em uma luta coletiva pois ainda há muitos caminhos a serem percorridos. É notório que os ativismos a favor dos direitos civis se fazem presente desde a época da escravização dos africanos, e a cada tempo surgindo ícones importantes que são merecedores e dignos de não somente serem guardados em nossa memória quanto constarem em escritos acadêmicos atuais como os futuros, fazendo se assim perpetuar seus feitos na história de seu povo.

---

<sup>1</sup> Texto disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniao/2021/05/4924912-artigo-----escrevencia-um-movimento-necessario.html>. Acesso em 05 de fev. 2022.

Consideremos uma figura tanto quanto importante em meados de 1950, Rosa Louise McCauley conhecida por Rosa Parks, uma ativista que desobedeceu a lei ainda vigente chamada Lei Jim Crow de acordo com o historiador Leandro Karnal (2007) “afastamento entre negros e brancos nos trens, estações ferroviárias, cais, hotéis, barbearias, restaurantes, teatros, entre outros. Em 1885, a maior parte das escolas sulistas também foram divididas em instituições para brancos e outras para negros”. As Leis Jim Crow foram leis adotadas no pós-Guerra Civil Americana entre os anos 1876 e após 100 anos de lutas foi revogada em 1965.

Em protesto silencioso, Rosa Parks se recusou a ceder o assento a uma pessoa branca, resultando em sua prisão e, em seguida, a mobilização da população afroamericana em uma ação de boicote aos ônibus, alavancando e fortalecendo os movimentos de luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos, sua “desobediência” civil culminou na revolta da população afroamericana nos Estados Unidos da América.

Em 1960, lutas contra a desigualdade racial continuam insurgentes quando os Panteras Negras iniciam confrontos em combate a violência policial contra os negros no contexto do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos, poucas mulheres participaram do Movimento Panteras Negras, dentre elas a Angela Davis em 1970 que com suas contribuições como ativista e escritora enriquece o atual cenário dos movimentos em relação às diversidades.

Cada uma das mulheres citadas neste trabalho exercem um protagonismo essencial e especial nos direitos adquiridos nos tempos presentes em favor da mulher negra, até o surgimento do termo interseccionalidade que está devidamente referenciado neste trabalho.



#### 4.1 *For My People* e *We Have Been Believers*: uma análise a partir dos aspectos interseccionais.

*For my People* em uma tradução livre significa “Para o meu povo”, onde a autora refere-se aos afroamericanos, é o título do livro de poemas escrito por Margaret Walker em 1942 e o poema homônimo ao livro foi publicado pela primeira vez na revista *Poetry Foundation* em 1937, onde relata a história do povo afroamericano e o tempo da escravidão. O título da obra vibrantemente articula com a fundamentação da temática e a grandeza do poema deve ser provado pela universalidade da frase, destarte “Para o meu Povo” é a frase que percorre as estrofes com estilo e estrutura impetuosa cuja intensidade e profundidade podem se fazer sentir nos parágrafos intensamente escritos com palavras de resistência. A estrutura, o tema e a imagem do poema são metafóricos da primeira à última estrofe onde a autora faz inúmeras comparações diretas que revelam a verdade sobre a escravização, servidão, racismo e lutas pela liberdade.

O poema em si traz a memória de uma infância retratada em cores obscuras com eloquência de fala e realismo, expressando uma canção de liberdade, uma canção de guerra; a sua escrita tomou corpo durante o auge da Grande Depressão, quando a situação dos negros na América estava em seu pior momento e que peculiarmente carrega uma mensagem duradoura de esperança para o futuro.

Ademais os aspectos interseccionais no poema *For My People* se apresentam em diversos contextos que serão mencionados a seguir. Margaret Walker utilizou de suas produções literárias com o intuito de lutar contra a marginalização e discriminação da população afroamericana para dar voz aos mesmos, conforme podemos observar na 1ª estrofe, verso dois, a presença da palavra “Blues”:

Para o meu povo que em todos os lugares cantam suas canções / repetidamente: cantos fúnebres, suas cantigas, blues / e jubileus, rezando suas orações todas as noites a um / e jubileus, rezando suas orações todas as noites a um / Deus desconhecido, dobrando seus joelhos humildemente a um / poder invisível; <sup>2</sup>(WALKER, 1989, tradução da autora)<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> O poema “For My People” da escritora Margaret Walker utilizado neste Trabalho de Conclusão de Curso para fins de análise foi retirado do site *Poetry Foundation*, disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poetrymagazine/poems/21850/for-my-people>. Acesso em 01 de fev. de 2022. Assim, as citações que se seguem são todas da mesma fonte.

<sup>3</sup> No original: “For my people everywhere singing their slave songs / repeatedly: their dirges and their ditties and their blues / and jubilees, praying their prayers nightly to an / unknown god, bending their

Além de que aparece dando ênfase ao gênero musical, o *Blues* que surgiu nos Estados Unidos a partir do século XVII com os escravizados da região sul, tornando se conhecido após o fim da Guerra Civil Americana em 1865, representando a essência do espírito do povo afroamericano. A primeira estrofe retrata um quadro de pessoas recitando refrãos de lamentos e *blues*, como se presenciassem uma cerimônia fúnebre, demonstrando desespero sem perspectivas a não ser de se prostrarem diante de um Deus desconhecido, submetidos e humilhando-se a este poder invisível; esta metáfora mostra literalmente a profundidade da escravidão nos Estados Unidos.

A segunda estrofe destaca a maneira de como o povo afroamericano demonstrou toda sua força aos anos passados, no tempo presente e anos desconhecidos, entretanto através do uso excessivo dos verbos: passar, costurar, esfregar, etc.; retratando uma imagem intensa de como a escravidão e o racismo afligem aos negros. Esta metáfora traz um conglomerado de dor no uso de verbos para reiterar a melodia temática da servidão e trabalho forçado e maus tratos conforme articulado nas palavras da autora “Nunca ganhando, nunca colhendo, nunca sabendo, nunca entendendo” (WALKER, 1989, tradução da autora)<sup>4</sup>.

As respectivas estrofes 3 e 4 Walker ressalta a importância da educação, a autora cita o Estado do Alabama na 3ª estrofe verso 1 “Aos meus companheiros do barro, poeira e areia do quintal do Alabama” (WALKER, 1989), onde ela nasceu, e Estado da região sul que mais há discriminação racial em relação aos demais Estados dos Estados Unidos da América, região onde Rosa Parks iniciou seu protesto contra inexistência de direitos civis para os cidadãos negros na década de 50, cita as ruas como a 47 em Chicago, Lenox Avenue em New York e Rampart Street New Orleans como moradia dos afroamericanos e lugares de movimentos de lutas no poema, estrofe 6ª verso 1 “Para o meu povo reunindo se nas avenidas 47th em Chicago e Lenox, em Nova York e Rua Rampart em Nova Iorque (...)” (WALKER, 1989).

---

knees humbly to an / unseen power;”. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poetrymagazine/poems/21850/for-my-people>. Acesso em 01 de fev. de 2022. Assim, as citações que se seguem são todas da mesma fonte.

<sup>4</sup> No original: “dragging along never gaining never reaping never”.

Com orgulho ela retrata e expõe a força de um povo que independente das condições cantavam suas canções de escravos, blues, cânticos fúnebres como descrito na estrofe 1 versos 1 e 2, em síntese *For My People* narra um povo, sua trajetória, vivências e lutas por liberdade. Escrito em uma época de dor e aflição vivenciada pela população afroamericana durante a grande depressão nos Estados Unidos, que devido a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque culminou na maior crise econômica da história do país nos anos finais da década de 20. Nas estrofes finais, há incentivos para que seu povo permaneça resilientes, firmes nas lutas e esperançosos e acreditem em uma terra em que seja possível a união de todos os povos em liberdade e paz.

Na terceira estrofe, o “batizado e pregador e médico / e preso e soldado e escola e mamãe e cozinha e teatro e concerto e loja e cabelo e Miss Choomby e companhia” (WALKER, 1989, tradução da autora)<sup>5</sup> mostram a maneira como as crianças internalizam e manifestam o que os adultos da comunidade lhes proporcionam. Os jogos que eles jogam proporcionam sensibilidades construtivas sobre as quais construir suas vidas. Mesmo no jogo de policiais e ladrões, para essas crianças a manutenção da lei e da ordem é o objetivo.

Por sua vez, na quinta estrofe observamos:

Para os meninos e meninas que cresceram apesar dessas coisas para / ser homem e mulher, rir e dançar, cantar, jogar, / beber seu vinho, religião e sucesso, para / casar com seus companheiros de brincadeira e ter filhos e em seguida padecer / morrer de tuberculose, anemia e linchamento (WALKER, 1989, tradução da autora)<sup>6</sup>.

Na quinta estrofe, Walker retrata a inocência das crianças que cresceram em instituições religiosas e educacionais fundadas nos solos de sistemas corruptos e racistas, onde farão com que cresçam com o tempo para entender a realidade da escravidão e viverem infelizes em uma vida sem sentido aos olhos de um Deus invisível até que estejam crescidos o suficiente para se casarem com seus companheiros de brincadeiras, esse casamento do ponto de vista crítico é uma metáfora que mostra o início da luta pela liberdade que se conquista através da união de um povo na luta por seus direitos. “Para os meninos e meninas que cresceram

---

<sup>5</sup> No original: “backyards playing baptizing and preaching and doctor / and jail and soldier and school and mama and cooking”.

<sup>6</sup> No original: “For the boys and girls who grew in spite of these things to / be man and woman, to laugh and dance and sing and / play and drink their wine and religion and success, to / marry their playmates and bear children and then die / of consumption and anemia and lynching”.

apesar dessas coisas para ser homem e mulher, rir e dançar, cantar, jogar (...)” (WALKER, 1989).

A terceira, quarta e quintas estrofes, são os pontos centrais do estilo poético e do design referente as imagens, a autora utiliza-se da comparação do crescimento das crianças com o passar dos tempos, e principalmente quando aponta as lembranças de seus companheiros de brincadeiras na areia do Alabama retratando uma imagem do povo negro labutando na lama; e ressalta a importância da educação formal e informal na vida das pessoas, quer seja na comunidade escolar ou no lar, demonstrando preocupação com a formação intelectual de seu povo, referenciando a importância da educação como um dispositivo ou ferramenta transformadora.

Ambos poemas analisados neste trabalho dialogam com a os aspectos interseccionais de acordo com a interseccionalidade por vários fatores analisados, no contexto geral a autora que além de ser mulher é ativista pelos direitos civis, escritora, negra, advinda da periferia do Alabama pertencente a região sul dos Estados Unidos conhecido como a região mais violenta e racista comparado aos demais, seus escritos se tornam ferramentas a favor da luta contra todos os tipos de discriminações com o olhar voltado a todos, sem distinção de classe, idade, gênero, nacionalidade, orientação sexual, etnia e deficiência.

A interseccionalidade tem a função de enxergar essas categorias identitárias sociais mencionados acima e como as mesmas sofrem opressões de modo a pensar estratégias políticas em que a diversidade seja acolhida em sua totalidade. Segundo a escritora Carla Akotirene: “A interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas” (Akotirene, 2018, p. 48), as estruturas mencionadas por Akotirene são sistemas discriminatórios estruturados de subordinação, assim como o patriarcalismo como cultura machista e eurocêntrica.

No poema *We Have Been Believers*, Walker canta seus Deuses negros oriundos de seus ancestrais da Mãe África (terra antiga). “(...) Nós fomos crentes acreditando em Deuses negros de velhas terras” (WALKER, 1989), Na estrofe 1, verso 1, o eu-lírico ressalta a importância e a beleza de sua cultura de seu povo e religiosidade, caracterizando se em uma forma de exaltar suas raízes africanas, enfatiza o título entoando um cântico que traduzindo significa que “Nós acreditamos” ou “Nós fomos crentes”, em outra possibilidade de tradução livre pois numa explicação gramatical a frase *We have been believers* apresenta uma construção que faz uso do

*have been* (*present perfect*) que indica uma condição ou ação que começou no passado e continua no presente, ou seja, que eles foram e ainda continuam a ser crentes ou continuam a crer.

*We Have Been Believers* está organizado em 8 estrofes, sua primeira publicação foi na *Poetry Magazine* em 1939. O poema integra o livro da autora Margaret Walker *For my People*, uma coletânea de poemas publicado em 1942 que lhe rendeu o prêmio *Yale Younger Poets Prize* pela coleção de poesia em estreia, tornando-se assim a primeira mulher negra a receber o prestigioso prêmio. A anáfora e metáfora desempenham um papel muito importante na revelação do tema do poema, além de outras figuras de linguagens que ela utiliza em seus poemas; por intermédio de tais artifícios o eu lírico é capaz de transmitir seus sentimentos e pensamentos no intuito de incentivar a população afroamericana a lutar contra a discriminação racial.

*We Have Been Believers* revela que os afroamericanos devem manter-se fortes e que continuem lutando para serem libertos da escravização, não somente a escravização de corpos, mas da mente, nesta perspectiva citaremos Frantz Fanon “Minha última prece: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questione” (FANON, 2008, p. 191) ou seja ser uma pessoa que apresente inquietações e não seja um corpo em subserviência, mas com consciência de sua identidade e ascender a sua condição e ter suas questões visibilizadas por seus algozes.

A autora enfatiza o título para evidenciar com veemência suas crenças, clamando ao seu povo para uma consciência afro diaspórica, da realidade vivenciada, de suas crenças em Deuses próprios, que a luta é coletiva através da união de todos, que essa nação oprimida se organize para uma revolução que sejam vistos em igualdade, pois o fato isolado das orações aos Deuses se apresenta insuficiente de modo que permaneçam crentes e esperançosos mas que lutem pela liberdade mesmo que não haja pacificidade.

Na primeira estrofe, apresenta a descrição das crenças tradicionais africanas e a valorização da cultura negra *serees* (profetas, vidente), *charmors* (encantadores). Por sua vez, a segunda estrofe apresenta o início da experiência negra na América e a conversão à qual muitos foram submetidos ao apontar que os “Deuses brancos de

uma nova terra” e “misericórdia de nossos mestres”<sup>7</sup> (WALKER, 1989, tradução da autora)<sup>8</sup>, referindo-se ao domínio do povo branco e a beleza do povo negro.

Na terceira estrofe, descreve a resistência negra através das dificuldades acerca da escravização e racismo. “Nem o chicote dos escravos nem a corda dos linchadores nem a baioneta poderia matar nossa crença negra” (WALKER, 1989, tradução da autora)<sup>9</sup>, a corda dos linchadores refere-se a época da abolição da escravatura e início da Guerra da Secessão (1861-1865) onde cada estado implementou suas próprias leis dentre eles o linchamento (uma forma de punição em que 99% era contra os negros e de forma injusta), o eu lírico relata constante senso de fé, referência “a nova Jerusalém” como a nova terra onde foram cativos. “Famintos contemplamos a mesa de boas-vindas, desnudos enxergamos a glória de um longo manto branco. Temos sidos crentes em uma nova Jerusalém” (WALKER, 1989).

Do mesmo modo, na quarta estrofe, é descrito o trabalho do povo negro em relação aos brancos por intermédio da escravidão, referindo que eles têm acreditado ao alimentarem deuses gananciosos como a Moloque que na bíblia ele é apresentado como uma divindade pelos povos considerados gentios (pagão), “Nós Fomos crentes ao alimentarmos Deuses gananciosos e sorridentes, como um Moloque exigindo nossos filhos e filhas, nossas forças(...)” (WALKER, 1989), termo que consta na bíblia referindo se ao povo que não pertencia a Israel, um Deus dos Amonitas, que era adorado na terra de Canaã e em seus rituais sacrificavam crianças que eram queimadas na fogueira como prova de adoração a Moloque, como também o relacionava no poema aos brancos colonizadores. Além do mais a população negra é descrita como um povo crente silencioso, teimoso, impassível e forte, retratando a determinação e resiliência em frente as adversidades.

Na quinta estrofe apresenta-se: “Nós acreditamos/fomos crentes quando produzimos riquezas ao mundo / Com nossas mãos nós alimentamos as pessoas e sem / forças eles oprimiram as necessidades de uma nação” (WALKER, 1989,

---

<sup>7</sup> O poema “We Have Been Believers” da escritora Margaret Walker utilizado neste Trabalho de Conclusão de Curso para fins de análise foi retirado do *site Poetry Foundation*, disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poetrymagazine/browse?contentId=22290>. Acesso em 01 de fev. de 2022. Assim, as citações que se seguem são todas da mesma fonte.

<sup>8</sup> No original: “And in the white gods of a new land we have been believers”.

<sup>9</sup> No original: “Neither the slaves' whip nor the lynchers' rope nor”.

tradução da autora)<sup>10</sup>, apresenta a dimensão da importância que os escravos apresentavam para a América, pois era através de seus esforços laborais que seus senhores eram alimentados, contudo a opressão era contínua e não havia misericórdia. Refere-se a suas músicas como esperanças de um porvir melhor.

Na sexta estrofe, “Permanecemos prontos para o toque do ferro ardente, para o / sopro purificador de muitas verdades, que os cegos / enxergarão e os surdos ouvirão / e as línguas das pessoas se preencherão de fogo vivo” (WALKER, 1989, tradução da autora)<sup>11</sup> faz alusão a um manifesto que possam lutar pela igualdade de direitos. Vale ressaltar que a sétima e penúltima estrofe, apesar de sentir que foram abandonados, se sentem otimistas e que os cegos irão ver, os surdos ouvirão suas mensagens de que seu povo deve revoltar-se contra o racismo e opressão “Onde se encontram nossos Deuses que nos deixaram dormindo? De fato [...] Certamente os senhores / do povo nos enviará um sinal” (WALKER, 1989, tradução da autora).

Assim, observamos que o eu-lírico evoca o fato de terem acreditado nas visões dos falantes sobre a cultura e a experiência negra, percebendo que seus antigos deuses foram substituídos por novos semideuses brancos (seus senhores), portanto descreve as dificuldades que a população negra enfrentou na América, especificamente durante a escravização. De fato, seu apelo final à comunidade negra mostra seu desejo de que a mudança ocorra, entretanto não se espera que a sociedade mude a si mesma, em vez disso, acreditando que os irmãos afroamericanos terão que trabalhar arduamente para conseguir a mudança que almejam, ou seja, serem seus próprios protagonistas.

Nesta perspectiva, a teoria interseccional abarca uma gama de diversidades, como observamos em Walker, nos referidos poemas, como homens, mulheres e crianças não brancos que servem de instrumento de lutas e resistência que vão de encontro e contra um sistema opressor que nega direitos a minorias, como também compreendemos o estrito favorecimento à classe burguesa, de tal modo, que ser ativista pelos direitos civis em prol de um povo em uma época de segregação era uma das poucas possibilidades de enfrentamento de um sistema atroz que se anunciava

---

<sup>10</sup> No original: “We have been believers yielding substance for the world. / With our hands have we fed a people and out of our / strength have they wrung the necessities of a nation”.

<sup>11</sup> No original: “Now we stand ready for the touch of one fiery iron, for the / cleansing breath of many molten truths, that the eyes / of the blind may see and the ears of the deaf may hear / and the tongues of the people be filled with living fire”.

como superior e que regula, de acordo com seus interesses, quem vive ou quem morre.

Como é discorrido nos estudos em “Necropolítica”, de Achille Mbembe, aprendemos como se constituem as políticas de morte para o controle das populações, destarte Mbembe defende que as sociedades no processo de colonização eram e ainda são marcadas por hierarquias e que todas as formas de segregação e violências vivenciadas pelos negros era a forma de legitimar o sistema capitalista contemporâneo. Em seu trabalho científico “Necropolítica”, Achille Mbembe discorre que no colonialismo a população negra era vista na qualidade de mercadoria tal qual sofria as mais desumanas submissões e atrocidades, bem como Mbembe pontua em sua teoria assertivas de acordo com o teórico Michael Foucault, no intuito de fundamentar a era colonial como a primeira experiência biopolítica da modernidade, mencionando:

A formulação de Foucault, o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico – do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros. Isso é que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) de “racismo” (MBEMBE, 2016, p. 18).

Portanto Foucault apresenta o racismo de Estado como tática biopolítica, “O racismo será desenvolvido, em primeiro lugar, com a colonização, isto é, com o genocídio colonizador” (FOUCAULT, 1997, p. 229; 2010a, p. 232). Partindo das afirmações de Mbembe e Foucault o racismo desde o colonialismo ao longo de décadas foi se estruturando até os dias atuais reconfigurado, mas com as ideologias pertinentes ao que foi proposto desde os primórdios; corroborando com o fato que há sociedades que estão estruturadas com base na discriminação que privilegia algumas raças em detrimento de outras, sendo que a população negra e a indígena são as menos favorecidas. Partindo do pressuposto que o conceito de raça é um conceito socialmente construído por não existir no sentido estrito da palavra em termos biológicos, o seu entendimento é importante para que o racismo seja combatido, considerando que muitos cientistas naturais e a grande maioria dos cientistas sociais concordam que as raças são construções sociais.

“A ideia de raça é justamente isso, uma ideia” (WADE, 2000 p. 21) e nesta perspectiva se articulam ativismos diversos em prol dos direitos e contra as



discriminações de raça, classe e gênero, e um trabalho de conscientização da sociedade em debates, discussões que conduza a todos a uma democracia racial; é notório o crescimento de movimentos sociais na luta antirracismo. Nessa vertente, surge o conceito de interseccionalidade a priori proposto e conceituado por Kimberlé Crenshaw como um termo sociológico que preocupa-se com os marcadores identitários e suas interações na vida dos indivíduos, a priori o conceito foi pensado em relação aos impactos que o sistema de opressão causavam nas vidas das mulheres negras, e em virtudes de movimentos, ativismos feministas o conceito tornando-se significativo em outras vertentes epistemológicas, conforme a pesquisadora, escritora e Doutora em estudos feministas Carla Akotirene:

De acordo com Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade é, simultaneamente, a maneira sensível de pensar a identidade e sua relação com o poder, não sendo exclusiva para mulheres negras, mesmo porque as mulheres não-negras devem pensar de modo articulado suas experiências identitárias. Ademais, transexuais, travestis e queers estão incorporados a perspectiva da autora. (AKOTIRENE, 2018, p. 67).

Os eixos de poder, de acordo com a Kimberlé Crenshaw são distintos, porém são excludentes como o patriarcalismo, o racismo estrutural, opressão de classe operam diferentemente entre si, e a comunidade negra carrega consigo estigmas e agruras de mais de 300 anos de escravização de seu povo contra pouco mais de 130 de abolição (no Brasil) sendo notório a ausência do Estado em prover condições básicas com que a população afrodescendente se sinta acolhida perante a sociedade, haja visto que o sistema judiciário falha em suas execuções ou agem de forma arbitrária. Assim como o racismo, a LGBTQIA+fobia também é uma atualização da ferida colonial que de acordo com Akotirene que estão incorporados a perspectiva da interseccionalidade.

Desconstruir os estereótipos negativos que são impostos às mulheres negras é uma reflexão a ser feita continuamente por cada indivíduo, nas escolas, comunidades, instituições, sendo um processo de conscientização contínua para que amenize as experiências negativas atribuídas ao gênero seja ele binário ou não. Pensar estratégias de modo a visibilizar as experiências femininas e negras articulada com a teoria Derridiana que visa desconstruir a partir de análises dos discursos com um olhar crítico, a partir do qual devemos examinar qual o sentido do texto/discurso apresentado pelo autor e, a partir deste texto/discurso, tecer um complemento do assunto.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos com base nas análises das literaturas referenciadas na qual abarca a interseccionalidade possibilitou-nos enxergar a importância da compreensão do conceito de forma que possamos buscar as estratégias e enxergar as desigualdades e a sobreposição de opressão e discriminações que estão presentes na sociedade a qual estamos inseridos. Apesar da interseccionalidade no primeiro momento ter sido pensado nas interações dos marcadores sociais frente as opressões sobre as mulheres negras, o termo abarca e incorpora na sua perspectiva as mulheres trans, travestis, queers bem como diversas categorias identitárias.

Entretanto foi identificado que a interseccionalidade se propôs a preencher uma lacuna analítica no campo de relações de opressões além do gênero e as estruturas que com ela dialogam, contribuindo com análises que permitam lidar da melhor forma com as complexidades atuais.

O foco da pesquisa neste trabalho incluiu o estudo das referências bibliográficas da escritora Kimberlé Crenshaw e dos autores analisados que contribuíram com a escrita deste artigo. Foi identificado que mesmo mediante o apagamento ou memoricídio das vozes femininas negras e da cultura afrodescendente, a escrita literária feminina e afroamericana vem há décadas cumprindo seu papel como uma ferramenta interativa, comunicativa e construtiva, transmitindo conhecimentos culturais.

Em virtude dos fatos mencionados podemos inferir que os assuntos abordados neste artigo como a escrita de Margaret Walker por intermédio de seus poemas trouxeram valiosas contribuições como o resgate da história de seus ancestrais, como forma de externar seu orgulho pela cultura negra americana e manifestando seu ativismo em prol dos direitos civis e contra discriminação de raça; sua narrativa está ambientada em momentos históricos relacionados a escravatura, bem como fatos e experiências de sua própria vida, expondo através do gênero literário poema, a luta de um povo marcado pela exploração e genocídio, esta concepção nos remete a Mbembe em seu ensaio sobre a Necropolítica que se caracteriza como a política da morte utilizando o racismo como uma das táticas da Necropolítica determinando quem viverá e quem morrerá; a Necropolítica em si é um assunto muito vasto que neste artigo apresentamos um recorte sobre a literatura de Achille Mbembe, sendo mais que urgente a necessidade de ser lembrada e representada na literatura de maneira a

convocar a todos a refletir acerca o assunto, bem como a interseccionalidade de imediato é nosso dever apresentar questões de raça, gênero e classe para fomentar debates com proposito de conscientização e humanização de todos indivíduos como é proposto por Candido de forma a moldar o senso crítico e reflexivo dos mesmos.

Observamos que através de uma cultura preconcepiva diacrônica os estereótipos foram construídos como forma de ditar padrões estéticos mediante uma visão eurocentrada estigmatizando quem não segue tais padrões. Este trabalho fomentou bem como apresenta como resultado a desconstrução dos estereótipos e preconceitos que envolvem as minorias em especial por raça e gênero, entretanto este artigo apresenta contribuições aos estudos literários no que diz respeito a luta contra os preconceitos e discriminações instituídos pelo sistema patriarcal bem como contribui para o ensino de língua e literatura em sala de aula na perspectiva de ter a literatura como caráter humanizador.

Mediante o exposto consideramos imprescindível como indivíduo ou em coletivo ao qual me incluo em participar da luta antirracista de forma constante a partir de nossa consciência como forma de reconhecer e valorizar a cultura de um povo que barbaramente aos milhões foram hostilizados e usurpados de sua pátria (África) da forma mais cruel que poderíamos supor. Compreendemos que a escravização foi e ainda continua a ser uma mancha indelével na história do nosso país e suas consequências foram as piores possíveis refletindo em seus descendentes em forma de discriminação e racismo.

Em suma os prestigiados poemas que foram pensados neste trabalho da escritora Margaret Walker mostraram ser relevantes conduzindo a todos nós a refletir as narrativas que abordam sobre as questões raciais, bem como ter um olhar interseccional nas questões não só referente a vida das mulheres, mas a todos independento do gênero, raça e classe, diante disso para combater violências e os mais diferentes tipos de discriminações contra as mulheres negras, compete igualmente ao Poder Público juntamente com a sociedade intensificar esforços que combatam práticas discriminatórias, bem como uma punição mais severa visando a coibir tais práticas.

## REFERÊNCIAS

AFRICAN AMERICAN POETRY. **Researchomatic**. [S.l.]. Researchomatic, 2013-2014. Disponível em: <https://www.researchomatic.com/african-american-poetry89899.html#buytopicstep> > Acesso em: 18 de abril de 2022.

AKOTIRENE, Carla (org.). **O QUE É INTERSECCIONALIDADE?** Belo Horizonte: LETRAMENTO, 2018. *E-book* (140p.) (FEMINISMOS PLURAIS). P&B. ISBN: 9788595301139. Disponível em: > <https://www.skoob.com.br/o-que-e-interseccionalidade-797568ed801092.html> > Acesso em: 26 de março de 2022.

ANGELA DANNEMANN. **CORREIO BRASILIENSE**. Artigo — Escrivência: um movimento necessário. BRASÍLIA: CORREIO BRASILIENSE, 2021. CONCEIÇÃO EVARISTO. Disponível em: > <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniaio/2021/05/4924912-artigo-----escrevivencia-um-movimento-necessario.html>. >Acesso em: 07 de janeiro de 2022.

BRITANNICA. **The Editors of Encyclopedia**. "Margaret Walker". **Encyclopedia Britannica**. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Margaret-Walker>. > Acesso em: 14 de dezembro de 2021.

CANDIDO Antônio, do ensaio “**O direito à literatura**”, no livro “Vários escritos”. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CRENSHAW, Kimberlé. **Desmarginalizando a intersecção entre raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina da antidiscriminação, da teoria feminista e da política antirracista**. In: BAPTISTA, Maria Manuel; CASTRO, Fernanda. *Gênero e Performance — Textos essenciais*. Coimbra: Grácio, 2019. Vol. II. Disponível em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/27705/1/GECE-Vol2.pdf> > acesso em 12 de dezembro de 2021.

CRENSHAW, Kimberle (1989) "**Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**," *University of Chicago Legal Forum*: Vol. 1989, Article 8. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8> > acesso em 12 de dezembro de 2021.

COSTA, Joaze Bernardino. A prece de Frantz Fanon: oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona! *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 504-521, jul. /set. 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/22915/15069> > acesso em 23 de março de 2022.

- COLLINS, Patricia Hill (org.). **PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO**. São Paulo: Boitempo, 2019. E-book (16p.) P&B. Disponível em: > [https://boitempoeditorial.files.wordpress.com/2019/12/minilivroboitempo\\_patricia-hill-collins.pdf](https://boitempoeditorial.files.wordpress.com/2019/12/minilivroboitempo_patricia-hill-collins.pdf). > Acesso em: 21 de janeiro de 2022.
- DAVIS, Angela (org.) **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. E-book (262p.) P&B. ISBN: 978-85-7559-508-4. Disponível em: > [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4248256/mod\\_resource/content/0/Angela a%20Davis\\_Mulheres%2C%20raca%20e%20classe.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4248256/mod_resource/content/0/Angela%20Davis_Mulheres%2C%20raca%20e%20classe.pdf). > Acesso em: 12 de abril de 2022.
- DIEHL, Fernando **Estrangeiro em uma terra estranha: Racialização e estigmatização dos imigrantes haitianos em Lajeado, Rio Grande do Sul /** Fernando Diehl. -- 2017. 177 f. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/159143/001023068.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 24 de abril de 2022.
- HAMILTON, Norma Diana. **Feminismos e literatura contemporânea: Toni Morrison e outras escritoras feministas negras**. Vinhedo, Editora Horizonte, 2020. Disponível em: > <https://play.google.com/books/reader?id=NsDoDwAAQBAJ&pg=GBS.PA1&hl=pt> > Acesso em 23 de fevereiro de 2022.
- INDIA DOCUMENT. **BY MARGARET WALKER MIKE COGGINS, WE HAVE BEEN BELIEVERS**. Disponível em: <https://vdocument.in/by-margaret-walker-mike-coggins-we-have-been-believers.html>. > Acesso em: 28 de fevereiro de 2022.
- EDUCAPES. **Gênero, Sexualidade e Educação Interseccionalidades**. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/554207/2/eBook%20%20Interseccionalidades.pdfn> > Acesso em: 16 de dezembro de 2021.
- JOÃO ROBERTO BARROS. **PASSEI DIRETO**. BARROS, Racismo de Estado EM MICHEL FOUCAULT. Florianópolis: INTHERthesis, 2018. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/63037039/barros-racismo-de-estado>. > Acesso em: 15 de fevereiro de 2022.
- Karnal, L. (2007). **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Editora Contexto. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/segregacao-racial.ht> > acessado em 10 de abril de 2022.
- LOS ANGELES TIMES. **Richard Wright Loved, Lost, Hated, Missed: DAEMONIC GENIUS <i> by Margaret Walker**. Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1989-02-19-bk-153-story.html>. > Acesso em: 05 de abril de 2022.
- MACHADO, L. Z. (1998). **Matar e morrer no feminino e no masculino**. In D. Oliveira, E. C. Geraldês & R. B. Lima, *Primavera já partiu: retratos de homicídios femininos no Brasil* (pp. 96-121). Petrópolis, RJ: Vozes.

MARY WHITE. **YOUR DICTIONARY**. Biography. [S.l.]. Love To Know Media, 2022. Disponível em: <https://biography.yourdictionary.com/margaret-walker>. > Acesso em: 14 março de 2022.

MBEMBE, ACHILLE (ed.). **NECROPOLÍTICA**. RIO DE JANEIRO: ARTE E ENSAIOS, 2016. *E-book* (30p.) color. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. > Acesso em: 16 de março de 2022.

MERRIAM-WEBSTER. **Definition of Clench**. Disponível em: <https://www.merriamwebster.com/dictionary/clench>. > Acesso em: 05 de janeiro de 2022.

MERRIAM-WEBSTER. **Definition of dirge**. Disponível em: <https://www.merriamwebster.com/dictionary/dirge>. > Acesso em: 05 de janeiro de 2022.

MUNDO EDUCAÇÃO. **New Deal**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historia-america/new-deal.htm>. > Acesso em: 24 de março de 2022.

MY POETIC SIDE. **Margaret Walker Poems**. Disponível em: <https://mypoeticside.com/poets/margaret-walker-poems>. > Acesso em: 26 de fevereiro de 2022.

POETRY FOUNDATION. **For My People by Margareth Walker**. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poetrymagazine/poems/21850/for-my-people>. > Acesso em: 20 de janeiro de 2022.

POETRY FOUNDATION. **We Have Been Believers BY MARGARET WALKER**. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poetrymagazine/browse?contentId=22290> > Acesso em: 15 de dezembro de 2021.

SILVA, S.G. da (2010). **Preconceito e Discriminação: as bases da violência contra a mulher**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, pp.556–571. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/rzhdT5gCxpq8sfQm4kzWZCw/?lang=pt>. > Acesso em 12 de abril de 2022.

SCRIBD. **“Margaret Walker’s For My People”**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/184855210/Margaret-Walker>. > Acesso em: 23 de março de 2022.

STRINGFIXER. **Margaret Walker**. Disponível em: [https://stringfixer.com/pt/Margaret\\_Walker\\_Alexander](https://stringfixer.com/pt/Margaret_Walker_Alexander). > Acesso em: 19 de janeiro de 2022.

The Editors of Encyclopedia Britannica (2019). **New Deal | Definition, Programs, Summary, & Facts**. In: *Encyclopedia Britannica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/New-Deal>. > Acesso em 06 de abril de 2022.

THE PROJECT ON THE HISTORY OF BLACK WRITING. **“For My People” as the Fulfillment of Margaret Walker Alexander’s Literary Manifesto**. Disponível em: <https://projecthbw.ku.edu/uncategorized/for-my-people-as-fulfillment-of/>. > Acesso em: 20 de março de 2022.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNB. **ROMPENDO O CICLO DA VIOLÊNCIA: VOZES FEMININAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA AFRODESCENDENTE ANGLÓFONA**. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32136/1/2018\\_NormaDianaHamilton.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32136/1/2018_NormaDianaHamilton.pdf). > Acesso em: 02 de março de 2022.

WALKER. M. **This Is My Century: New and Collected Poems**, by Margaret. Athens, GA: University of Georgia Press. Disponível em: <https://ugapress.org/book/9780820345970/this-is-my-century/> > acesso em 29 de janeiro de 2022.

WORDPRESS.COM. **POETRY ANALYSIS: ‘FOR MY PEOPLE’**. Disponível em: <https://kisorioaliveforever.wordpress.com/2016/02/25/poetry-analysis-for-my-people/>. > Acesso em: 20 de fevereiro de 2022.

WALKER Margaret, “For My People” from **This is My Century: New and Collected Poems**. Copyright © 1989 by Margaret Walker. Reprinted by permission of University of Georgia Press. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poetry-magazine/poems/21850/for-my-people> > Acesso em 14 de dezembro de 2021.

## **ANEXOS**



## Anexo I – Poemas “For My People”<sup>12</sup>

### For My People

By MARGARETH WALKER

For my people everywhere singing their slave songs  
repeatedly: their dirges and their ditties and their blues  
and jubilees, praying their prayers nightly to an  
unknown god, bending their knees humbly to an  
unseen power;

For my people lending their strength to the years, to the  
gone years and the now years and the maybe years,  
washing ironing cooking scrubbing sewing mending  
hoeing plowing digging planting pruning patching  
dragging along never gaining never reaping never  
knowing and never understanding;

For my playmates in the clay and dust and sand of Alabama  
backyards playing baptizing and preaching and doctor  
and jail and soldier and school and mama and cooking  
and playhouse and concert and store and hair and  
Miss Choomby and company;

For the cramped bewildered years we went to school to learn  
to know the reasons why and the answers to and the  
people who and the places where and the days when, in  
memory of the bitter hours when we discovered we  
were black and poor and small and different and nobody  
cared and nobody wondered and nobody understood;

For the boys and girls who grew in spite of these things to  
be man and woman, to laugh and dance and sing and  
play and drink their wine and religion and success, to  
marry their playmates and bear children and then die  
of consumption and anemia and lynching;

For my people thronging 47th Street in Chicago and Lenox  
Avenue in New York and Rampart Street in New  
Orleans, lost disinherited dispossessed and happy  
people filling the cabarets and taverns and other  
people’s pockets and needing bread and shoes and milk and

---

<sup>12</sup> O poema analisado está disponível em:  
<https://www.poetryfoundation.org/poetrymagazine/poems/21850/for-my-people>.

land and money and something—something all our own;

For my people walking blindly spreading joy, losing time  
 being lazy, sleeping when hungry, shouting when  
 burdened, drinking when hopeless, tied, and shackled  
 and tangled among ourselves by the unseen creatures  
 who tower over us omnisciently and laugh;

For my people blundering and groping and floundering in  
 the dark of churches and schools and clubs  
 and societies, associations and councils and committees and  
 conventions, distressed and disturbed and deceived and  
 devoured by money-hungry glory-craving leeches,  
 preyed on by facile force of state and fad and novelty, by  
 false prophet and holy believer;

For my people standing staring trying to fashion a better way  
 from confusion, from hypocrisy and misunderstanding,  
 trying to fashion a world that will hold all the people,  
 all the faces, all the adams and eves and their countless generations;

Let a new earth rise. Let another world be born. Let a  
 bloody peace be written in the sky. Let a second  
 generation full of courage issue forth; let a people  
 loving freedom come to growth. Let a beauty full of  
 healing and a strength of final clenching be the pulsing  
 in our spirits and our blood. Let the martial songs  
 be written, let the dirges disappear. Let a race of men now  
 rise and take control.

Margaret Walker, "For My People" from *This is My Century: New and Collected Poems*. Copyright © 1989 by Margaret Walker. Reprinted by permission of University of Georgia Press.

Source: *This is My Century: New and Collected Poems* (University of Georgia Press, 1989)

Anexo II – Poemas “We Have Been Believers”<sup>13</sup>


---

POETRY: *A Magazine of Verse*

## WE HAVE BEEN BELIEVERS

We have been believers believing in the black gods of an old land, believing in the secrets of the seeress and the magic of the charmers and the power of the devil's evil ones.

And in the white gods of a new land we have been believers believing in the mercy of the masters and the beauty of our brothers, believing in the conjure of the humble and the faithful and the pure.

Neither the slavers' whip nor the lynchers' rope nor the bayonet could kill our black belief. In our hunger we beheld the welcome table and in our nakedness the glory of a long white robe. We have been believers in the new Jerusalem.

We have been believers feeding greedy grinning gods, like a Moloch demanding our sons and our daughters our strength and our wills and our spirits of pain. We have been believers, silent and stolid and stubborn and strong.

We have been believers yielding substance for the world. With our hands have we fed a people and out of our strength have they wrung the necessities of a nation. Our song has filled the twilight and our hope has heralded the dawn.

[302]

---

<sup>13</sup> O poema analisado está disponível em:  
<https://www.poetryfoundation.org/poetrymagazine/browse?contentId=22290>.

*Margaret Walker*

Now we stand ready for the touch of one fiery iron, for the  
cleansing breath of many molten truths, that the eyes  
of the blind may see and the ears of the deaf may hear  
and the tongues of the people be filled with living fire.

Where are our gods that they leave us asleep? Surely the  
priests and the preachers and the powers will hear.  
Surely now that our hands are empty and our hearts  
too full to pray they will understand. Surely the sires  
of the people will send us a sign.

We have been believers believing in our burdens and our  
demi-gods too long. Now the needy no longer weep  
and pray, the longsuffering arise, and our fists bleed  
against the bars with a strange insistency.

*Margaret Walker*